

A PROPÓSITO DA FORMAÇÃO MÉDICA PÓS-GRADUADA

A. SALES LUIS

Publicam-se, neste número, duas conferências incluídas numa mesa-redonda sobre *Ensino Pós-graduado da Urologia*, efectuada em Junho de 1982, e integrada nas Jornadas da Associação Portuguesa de Urologia deste ano.

São dois notáveis depoimentos de urologistas, um português, outro inglês, caracterizados ambos por uma profunda meditação nos temas e intensa vivência, experiência e inquietação na função formativa. Em qualquer deles a perspectiva focada é comum a todas as especialidades, diz respeito ao ensino pós-graduado em geral.

Os depoimentos de Innes Williams e Matos Ferreira são, para nós, em momento de ensaios de estruturação, excelente documento de trabalho. Em verdade, é universalmente aceite hoje que a formação pré-graduada não pode preparar e treinar médicos prontos para toda a acção imediata.

Alguns motivos existem para isso:

- a) extensão de matérias de formação básica, que vão desde os fundamentos matemáticos e estatísticos à química molecular, passando por noções de ecologia, física, biologia, psicologia e sociologia, a juntar às clássicas disciplinas dos primeiros anos;
- b) a abordagem e o treino do acto médico em toda a tremenda diversidade da clínica médica e cirúrgica, obstétrica e pediátrica, com noções de algumas especialidades mais prementes;
- c) a importância a ser dada à saúde pública, à profilaxia, à correcção dos factores de risco e de doença, mas principalmente à promoção da saúde, ao fomento dos processos que permitam ao Homem e à Sociedade viverem com o máximo expoente possível de saúde;
- d) a necessidade de preparar clínicos gerais, aptos a resolverem alguns problemas médicos sem tutelação mas capazes igualmente de resolver as emergências clínicas que não lhe concedam tempo para aconselhamento; simultaneamente aptos para se diferenciarem em qualquer especialidade, na carreira de clínica geral ou na de saúde pública;
- e) a moldagem de uma mentalidade universitária nos alunos, que os impeça de serem apenas bons artifices em determinado momento histórico, antes os ensine a estudar e investigar a evolução da Ciência médica e da Ciência em geral, sempre em transformação.

Só assim eles serão, não a imagem duma fase formativa de meia dúzia de anos, mas a correcta presença sempre actualizada do universitário profissional ao longo do seu ciclo de vida de trabalho.

Por isso as estruturas de formação pré-graduada não devem limitar-se a simples escolas de treino profissional, antes têm que ser basicamente universitárias.

Porque tudo assim se deve passar entre nós como na Grã-Bretanha, como em todo o mundo, cada vez mais há que reconhecer a necessidade de complementar a graduação com a formação pós-graduada: o curso de licenciatura é a primeira fase, outras têm que se lhe suceder.

Dentre elas, falaram os dois conferencistas de formação de especialidades, das exigências, de sequências, de estruturações, de necessidades, de derrotas. Vale a pena estudá-los e extrair ao menos alguma inquietação.

O papel do educador de pós-graduação deverá ser desempenhado, sob o risco de insuficiências, por todos os profissionais e por todas as estruturas relacionadas. E assim é que aos Serviços Hospitalares cabe um papel fundamental, como essencial é também a missão da Universidade neste campo. Como indispensáveis são as participações das Sociedades Científicas de especialistas e dos Colégios das Ordens ou similares. A formação pós-graduada correcta exige a abolição das auto-suficiências, de exclusivos, de guerras. Exige complementaridade e participação. E humildade.

A. SALES LUÍS

Clínica Universitária — Medicina I
Hospital Egas Moniz — Lisboa